

A CONTRIBUIÇÃO DO PROTESTANTISMO AO DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO (Weber)

“[...]Observe que a Reforma não eliminou o poder da Igreja na vida das pessoas. Muito pelo contrário. O que houve foi uma reformulação doutrinária. O controle, que antes era mais brando, passou a ser muito mais intenso, saindo da esfera espiritual e controlando todas as situações em que o sujeito estivesse envolvido.

Da casa ao trabalho, na vida doméstica e religiosa, na relação com Deus e com as pessoas, ou seja, o que o protestantismo criou foi uma rígida doutrina de controle da vida social e que influenciou diretamente na relação do trabalho e da prosperidade econômica. O desenvolvimento do capitalismo, segundo Weber, não estava apenas nas questões históricas, envolvendo política externa, ou mesmo em situações temporárias, mas sim influenciadas diretamente pela forma de pensar a religião. Era um conjunto que abarcava todas essas relações.

Segundo Max Weber (2010), o capitalismo existiu em vários países como, por exemplo, na China, na Itália, na Índia e em alguns outros, entretanto, o que faltou a esses países para que o capitalismo fosse consolidado de forma pujante foi a ausência de uma ética ligada a ele. O capitalismo, da forma como ele passou a existir na modernidade após o advento da Reforma Protestante, veio no intuito de educar e selecionar as pessoas que melhor se adaptam a essas condições.

Já citamos que a Reforma foi a faceta religiosa do renascimento. Uma das principais transformações na concepção de mundo foi relegar ao homem o papel de centro do universo (antropocentrismo). A vida, pouco a pouco, deixou de ser contemplativa e se tornou mais ativa. Uma mudança bem radical foi a de que o que estava em cheque naquele momento não era apenas uma questão de espírito; de que você deveria esquecer-se dos temas mundanos e se dedicar somente a Deus. Os afazeres do dia a dia também passaram a ser vistos como uma dádiva divina, uma vocação e, ao mesmo tempo, um dever para com Deus. Conforme podemos observar:

Foi isso que deu pela primeira vez este sentido ao termo vocação, e que, inevitavelmente teve como consequência a atribuição de um significado religioso ao trabalho secular cotidiano. Foi, portanto, nesse conceito de vocação que se manifestou o dogma central de todos os ramos do Protestantismo, descartado pela divisão católica dos preceitos éticos em *praecepta* e *concilia*, e segundo a qual a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação (WEBER, 2010, p. 43-44).

A “vocação” ganhou um sentido muito mais prático com a Reforma. Aquela vida reclusa, tão comum aos monges, fora vista como uma forma de egoísmo, já que nada faziam para melhorar as condições do mundo, exceto rezar. Em suma, podemos sintetizar a ideia com o seguinte silogismo: Deus é o Criador de todas as coisas que existe no universo. Dentre suas obras, o homem foi o único criado à sua imagem e semelhança. Sendo assim, o homem tornou-se sua criação especial, pois era seu dever reinar sobre as outras coisas. Ao criar o homem, Deus lhe deu inúmeros dons e capacidades. Deu capacidade de raciocinar e agir conforme seu pensamento; deu capacidade de sentir prazer; capacidade para trabalhar, inventar, inovar, lucrar, enfim, Deus praticamente presenteou o homem com inúmeros dons e colocá-los em prática seria uma das formas de agradecê-lo. As ações cotidianas também se tornaram uma forma de louvar e agradecer a Deus, conforme destacamos anteriormente.[...]”

MEN, Kleber Eduardo. **História Moderna**. Kleber Eduardo Men. Maringá-Pr.: UniCesumar, 2016. 97-99 p